



Este material foi criado pela Fundação TALI e adaptado pela Tali AmLat para todos os educadores da América Latina, com a esperança de contribuir e inspirar as abordagens e reflexões dos Chaguet Tishrei de uma maneira diferente.

Abriendo um novo ano - פותחים שנה

Criado por: Margalit Kavenstock, Shira Ackerman Simchovitch

Tradução e adaptação para a América Latina: Silvana Kandel Lamdan



À medida que se aproxima o mês de Tishrei, vai se ampliando em nós a sensação de um novo começo... Em todas as gerações, estes dias foram sempre muito especiais, dias de Cheshbón Nefesh — de um balanço da alma em relação ao passado e de fé em relação ao futuro. Hoje queremos convidar todos a se conectar com essas experiências milenares, a partir outra perspectiva – cada um a partir de seu próprio caminho.

(De "Potchim Shaná", um kit interativo da Tali para famílias.)

Em Israel, a época de Tishrei é o começo do outono, é muito especial, a mudança de ano se sente no ar: é o momento em que se aram os campos preparando-os para novos cultivos; as folhas começam a cair das árvores, e o vento sopra com mais força, trazendo com ele a expectativa de chuva. Para aqueles que vivem em outro hemisfério, os Chaguet caem na estação oposta: Tishrei nos traz o brotar das flores em uma colorida primavera. Este Shai é uma boa oportunidade de introduzir aos talmidim da América Latina as paisagens e o clima de Israel, que são a base para entender as Mitzvot das festas, mantendo e enfatizando por sua vez a perspectiva local de cada comunidade.

Escolhemos dedicar este "Shai de Chaguet Tisheri" à reflexão sobre as dimensões do "dentro" e "fora" nesta época do ano e em nossas vidas: os aspectos pessoal-espiritual, intimamente ligados com a face pública e visível do que nos rodeia.

Neste Shai acentuaremos a relevância das histórias pessoais na atividade educativa.

Conhecemos também partes do "Potchim Shaná", material que já está parcialmente traduzido ao espanhol. Acreditamos que as propostas deste Shai serão úteis não somente para o mês de Tishrei, mas também para acompanhar a tarefa educativa durante todo o ano.

Como nas edições anteriores, vocês encontrarão diversas fontes da cultura Judaica, Israeli e Latino-americana, para trabalhar com os maiores, incluindo os adultos, como também propostas para a abordagem com os menores. As poesias e canções em hebraico se mantêm, com o propósito de que as apreciem, quem puder, no idioma original.

Esta iniciativa foi possível graças à generosa ajuda de
Claudio e Penny Pincus

שנה חדשה

מילים ולחן: עובדיה חממה
שירה: גיל עקיבוב ועובדיה חממה

עוד סיבוב השלימו גלגלי הזמן
הכל נסלח, הכל נמחק, עקשיו זה דף לבן
איזו מתנה זו להתחיל מהתחלה
מהשמיים הגדולים נזרק עוד חבל הצלה.

זמן, שנה חדשה, והתחוושה, סיכוי נפתח
זמן, שנה חדשה, בבקשה, עולה מסך

עוד סיכוי מבטיח חלונות בזמן
תשליך מטען עודף, יהיה פחות קשה
מפאן
גם אם לא נגיע, זה במרחק של השגה
נתקרב עוד צעד כך שנה אחר שנה

זמן, שנה חדשה, והתחוושה, סיכוי נפתח
זמן, שנה חדשה, בבקשה, עולה מסך

זמן, נפלאות הזמן... נפלאות הזמן

“שנה הלכה, שנה באה” - הרעיונות שליוו אותנו השנה

“Um ano se vai, um ano chega” – As ideias que nos acompanharam este ano

Também a partir das edições de "Shai Lachag" nos propomos a visualizar o caminho percorrido no ano passado, como é apropriado no mês de Elul. Em linhas gerais, temos tocado na essência dos diferentes Chaguim. Um novo ano não apaga o anterior, ao contrário: se alimenta e floresce a partir dele. A base na qual acreditamos através da “Shai Lachag” é a terra fértil para nossa renovação, e esperamos que vocês escolham pôr em sua bagagem parte do caminho trilhado no ano passado.



No Shai de **Chagui Tishrei** convidamos todos a andar pelos caminhos da introspecção, da inclusão, da escuta e da alegria em cada um dos Chaguim. Trabalhamos sobre os valores que se refletem no ciclo do ano judaico e no ano de Shmitá como uma oportunidade para o fazer as coisas de outro modo, uma forma de vida com maior consideração pelas pessoas e pela natureza.



No Shai de **Chánua**, trabalhamos sobre vários significados dos conceitos de luz e escuridão. Falamos da diversidade que gera uma unidade tão especial — cada vela é diferente das outras, cada chama ilumina com uma luz diferente, cada um de nós é distinto dos demais. Mas ao juntarmos todas as nossas velas e nossas chamas, a luz que se forma é a mais potente e bela.



No Shai de **Pesach** nos concentramos na essência da Hagadá: aquela magia que faz com que milhares de famílias em todo o mundo se reúnam para contar outra vez uma história milenar. A Hagadá nos ensina sobre a Arte do Bom Relato, através do qual se consolidam os laços intergeracionais em uma noite em que todos têm lugar.



No Shai de **Iom Haatzmaut**, nos dedicamos a conhecer os “Anshei Chazón—Visionários”, homens e mulheres que dedicaram sua vida a tratar de concretizar um sonho: o de criar uma sociedade melhor na Terra de Israel. Os profetas de Israel, os Chalutzim—pioneiros, Herzl e Eliezer Ben Iehuda. Nos perguntamos o que esses visionários podem nos ensinar hoje.



No Shai de **Shavuot**, nos concentramos na simbologia positiva da festa. Nos perguntamos quem esteve presente aquele dia no Har Sinai, o conceito de “Arevut Hadadit—compromisso mútuo” que surge do pacto. Falamos do tema principal de Meguilat Rut: a bondade. E aprendemos a nos alegrar com nossas “colheitas”, todo o bem que traz a bênção, e com o fruto de nossas mãos.

E entre um tema e outro, aprendemos também sobre os valores como alegria, paz, coragem e heroísmo, unidade, sonhos e sustentabilidade.

Resumindo o ano judaico com as crianças

Em um canto da classe, ou em um álbum especial, se recomenda registrar os testemunhos de acontecimentos protagonizados pelas crianças e as recordações do anos que passou. As recordações podem ser desenhadas ou escritas e incluir fotos pedidas aos pais e comentadas pelas crianças.



חוץ ופנים בחודש תשרי - O dentro e o fora em Tishrei

Parece que não há uma época do ano que reflita as mensagens das festas como acontece nas festas do mês de Tishrei. Neste mês, o fora e o dentro se entremesclam com maior harmonia. O fora, do outono que começa em Israel ao término de um longo verão, e o dentro, de Cheshbon Nefesh, do balanço da alma. Os sinais da natureza e os costumes que acompanham esses Chagim se fundem com os sentimentos, com os pensamentos e com as lembranças que formam nossa história pessoal e nossa identidade.

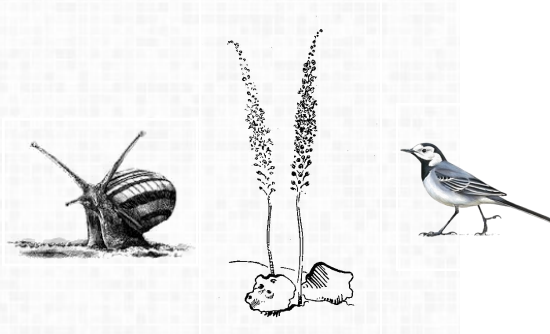
A canção "Shir Tishrei" nos propõe uma conexão entre o ciclo do ano agrícola, característico do mês de Tishrei na Terra de Israel, as relações do homem com seu próximo, consigo mesmo e com a natureza que o rodeia. A canção descreve como os agricultores olham para o céu com a esperança de que seja um ano abençoado com chuvas, enquanto os vizinhos na cidade olham o céu e esperam a abertura das simbólicas portas celestiais para receber a Tefilá e a Teshuvá das pessoas. Nesta época do ano, todos põem simbolicamente suas esperanças em que o céu— externo e interno — traga um bom ano para todos.

No hemisfério sul, pelo contrário, a experiência é diferente. Ao terminar um inverno mais ou menos frio, começamos a ver os botões da primavera. O "fora" de Tishrei é para muitos judeus o ressurgir das primeiras folhas verdes nas árvores e o brotar de milhares de flores de todas as cores.

Interessante pensar como o entorno exterior influencia na vivência das festas judaicas fora de Israel, especialmente aquelas nas quais as diferenças são tão marcantes.

Finalmente, ao festejar Rosh Hashaná na primavera, podemos observar a natureza e entender mais vivamente o conceito de renovação, quando pedimos na Tefilá:

חדש עלינו את השנה הזאת
Renova para nós este ano para o bem.



שיר תשרי

מילים: רחל שפירא
לחן: דני עמיהוד

השמים משתנים
לעיני החקלאים
השכנים מתכוננים
לימים הנוראים

מישהו חושב עליך
ורושם את מעשיך.
בוא הביתה במהרה
עם הרוח הקרירה

מנדרונות מבשילות
בפרדס במועדן
המורות משתעלות
והולכות לישון מוקדם

כבר ראיתי נחילאלי
ואולי זה רק נדמה לי
עוד חמסין נשבר אתמול
גם החופש הגדול

מה יקרה ומה יחלוף?
שואלים הכתבים
קשלארץ קביש החוף
מתייצבים החצבים

מה בעיתונאי הערב
מבשרת הפותרת?
בוא הביתה במהרה
עם הרוח הקרירה.

© כל הזכויות שמורות למחברת ול"אקו"ם

Proposta:

- * Pode-se pedir às crinças que tragam testemunhos sobre o "fora" dos Chagim de Tishrei e a natureza no lugar onde vivem. Que descrevam com fotos, palavras ou desenhos, os cheiros, as cores, as formas, os tons de luz etc. e os juntem em uma "Meguilá", em uma espécie de livro pessoal das estações do ano, no qual se pode colocar também o que se passa em Israel neste momento.



חשבון נפש - חוט מקשר בין חוץ ופנים, בין אדם וטבע

Cheshbón Nefesh – O fio conector entre o fora e o dentro, entre o homem e a natureza

Quatro são os começos de ano.

O primeiro de Nisan, ano novo dos Reis e as festas de peregrinação.

O primeiro de Elul, ano novo para o dízimo de animal.

O primeiro de Tishrei, o começo dos anos, o ano sabático e o jubileu, e para o que foi plantado na terra.

O primeiro de Shvat, o ano novo da árvores, segundo Beit Shamai. Beit Hilel diz, o 15 do mês.

Mishná Rosh Hashaná, 1,1.

Em quatro oportunidades o mundo é julgado. Em Pesach pela colheita. Em Shavuot pelos frutos das árvores. Em Rosh Hashaná, todos os habitantes do mundo passam frente a Ti como criaturas celestiais, como está escrito: "Ele formou o coração de todos, compreende todos os seus atos" (Salmo 33). Em Sucot são julgados pela água.

Ahí, Mishná 2

É interessante ver que o Tratado de Rosh Hashaná da Mishná abre com o reconto dos começos de ano e as datas de julgamento do mundo, e não com as leis da festa. Na primeira Mishná, vemos como Chaza"l escolhem quatro pontos no ano e lhes atribuem uma dimensão especial e coletiva, e na segunda Mishná, lhes agregam à experiência do tempo grupal, uma dimensão espiritual e cósmica. O calendário judaico nos propõe dois tipos de Cheshbón Nefesh (balanço da alma): o primeiro entre o homem e seu próximo – Rosh Hashaná – e o segundo entre o homem e sua terra – Tu Bishvat. Esses dois balanços têm em comum a **RENOVAÇÃO**.

Cada festa judaica, na verdade, nos chama a observar a natureza para aprender algo sobre nós mesmos. Ao observar a beleza da criação, entendemos como os processos da natureza influem também em nosso interior. Aprendemos que a mudança é sempre um elo no caminho do mundo e que toda mudança requer um tempo adequado. A cultura judaica soube adotar os sinais da natureza e conferir a eles um significado espiritual.

Sobre o conceito de mudança no homem, na natureza e na cultura, vão se lembrar seguramente da bela canção de [Mercedes Sosa, Todo Cambia](#)

Muda o superficial
muda também o profundo
muda o modo de pensar
muda tudo neste mundo.

Muda o clima com os anos
o pastor muda seu rebanho
e assim como tudo muda
que eu mude não é estranho

Muda o mais fino brilhante
de mão em mão seu brilho
muda o ninho ou o passarinho
muda o sentir um amante

Muda o rumo o caminhante
embora isso lhe cause dano
e assim como tudo muda
que eu mude não estranho

Muda tudo muda...

Muda o sol em sua corrida
quando a noite subsiste
muda a planta e se veste
de verde na primavera

Muda a pelagem da fera
muda o cabelo o ancião
e assim como tudo muda
que eu mude não é estranho

Mas não muda meu amor
nem a lembrança nem a dor
de meu povo e de minha gente

O que mudou ontem
terá que mudar amanhã
Assim como mudo eu
Nesta terra longínqua

Muda tudo muda...

Mas não muda meu amor...



סיפורי עלים - שלכת ותשלִיך - e o Tashlich - Histórias de folhas

Em hebraico podemos fazer um lindo jogo de palavras entre “**SHALECHET**” (as folhas secas que se desprendem das árvores no outono), e “**TASHLICH**” (o costume de simbolicamente atirar nossas transgressões ao rio), dado que têm as mesmas letras. Outra vez entremesclamos o fora e o dentro: assim como a árvore se desprende de suas folhas velhas para se renovar e dar lugar para que cresçam novas folhas verdes, assim também nós devemos nos desprender de nossos velhos hábitos, atitudes cansadas, atos “secos e sem vida”, para dar lugar a intenções renovadas, a um crescimento verde pleno de vida, a novos hábitos, atitudes, ações.



O Tashlich de Rosh Hashaná e a natureza que muda a nossa frente são uma boa oportunidade para conhecer a [Shai Zakai](#), artista multidisciplinar, pesquisadora e ativista que trata de criar consciência ambiental através da arte. Shai dá oficinas a educadores sobre seus projetos, um dos quais é: a **biblioteca de folhas**. Em seu livro “[Rasgos del Bosque](#)” (“Traços da Floresta”) ela descreve sua biblioteca. Cada folha está acompanhada de um conto, que nos fala das maravilhas da natureza, e nos lembra também a influência destrutiva que o homem pode ter sobre ela, bem como nossa responsabilidade de protegê-la.

“Uma observação minuciosa das folhas, sua composição, sua cor, seu cheiro e seu som, pode nos presentear com novas descobertas sobre coisas que acreditamos serem conhecidas”.

Shai Zakai.

מתוך תווי יער—הספרייה, 1995-2011, הוצאת המרכז לצילום ואמנות אקולוגית, שריגים, ישראל. www.eco-art.co.il

Podemos encontrar esta mesma ideia no poema de Pablo Neruda, “Ode ao Outono” (fragmento):

*Modesto é o outono
como os lenhadores.
Custa muito
tirar todas as folhas
de todas as árvores
de todos os países.
A primavera
costurou-as voando
e agora
há que deixá-las
cair como se fossem
pássaros amarelos.
Não é fácil.
Falta tempo.
Há que correr por todos
os caminhos,
falar idiomas,
sueco,*

*falar em língua vermelha,
em língua verde.
Há que saber
calar em todos
os idiomas
e em todas as partes,
sempre
deixar cair,
cair,
deixar cair,
cair,
as folhas.
Difícil
é
ser outono,
fácil ser primavera.*



סיפורי עלים – Histórias de Folhas

O encontro com a biblioteca de folhas de Shai despertou a imaginação de nossas acompanhantes pedagógicas e trazemos aqui algumas ideias de atividades para as crianças em qualquer época do ano.

O objetivo é ensinar às crianças – e a nós mesmos – a descobrir "pequenos tesouros" ao nosso redor, inclusive na cidade. Todos podemos desacelerar nossos ritmos e aprender a aproveitar o tempo para observar.

- * Uma biblioteca de folhas pode ser um belo testemunho de lugares nos quais estivemos a passeio, das mudanças das estações do ano, e também de dias especiais no Gan ou na escola, como Rosh Chodesh, ou algum aniversário. Pode-se voltar a biblioteca durante o ano para lembrar os eventos e aprender sobre a atenção necessária para encontrar folhas, o cuidado ao guardá-las, o processo de secagem e sua catalogação.
- * Pode-se falar com as crianças sobre esta ideia antes de sair em busca das folhas, e perguntar o que elas acreditam que encontrarão naquela época do ano. É recomendável preparar junto com as crianças uma caixa de sapatos para guardar as folhas.
- * Ao voltar, pode-se pedir às crianças que falem (ou escrevam) sobre sua experiência ao procurar folhas. Esses relatos passarão a ser a história que acompanha cada folha.
- * A secagem das folhas entre as páginas de um livro bem grosso – algumas das folhas já estarão secas ao serem recolhidas. Aquelas que não estiverem, podem ser colocadas entre papel absorvente ou papel de jornal, e deixadas dentro de um livro pesado. De vez em quando é preciso verificar se não se formou umidade. Caso tenha se formado, basta secar a folha e trocar o papel.
- * As coleções podem ser feitas em um álbum ou em caixas e organizadas por mês, por passeio ou por ano, ficando sempre ao alcance das crianças.



O dentro e o fora no Iom Kipur - חוץ ופנים ביום הכיפורים

Na época de Tishrei, o "fora" Israeli se pinta de branco: a flor da drimia (Chatzav), maçãs gigantes de algodão recém-colhido nos campos... Em vários lugares de Israel se pode ver a rosa da costa (Chavatzet hachof) e a Crocus de outono (Stavnit) florida de branco, adornando as zonas costeiras, e os céus se cobrem de bandos de grous e cegonhas que chegam para aninhar no outono. Mas o branco em Tishrei não está somente fora: o Beit Hakneset se enfeita de branco e as pessoas também costumam ser vistas de branco, buscando que a brancura e a pureza externa também se impregnem em nós por dentro.

Para pensar sobre a necessidade interna de se purificar, branquear as manchas do passado e abrir uma página nova, pode-se ler o belo conto do escritor Israeli Etgar Keret, אם חגים היו ילדים (somente em hebraico), que relata como uma mentira que contou aos quatro anos lhe pesou na consciência até 13 anos depois, quando se encontrou com a pessoa a quem ele havia prejudicado, que certamente nem se recordava do fato, e lhe pediu perdão.

No Iom Kipur costuma-se vestir branco. A roupa branca representa pureza, como diz o pasuk: “*Se vossos pecados forem vermelhos como o escarlata, como neve serão embranquecidos*” (Ieshaiahu 1, 18). Há quem atribua o costume à crença de que os anjos se vestem de branco e outros opinam que a origem está na vestimenta branca que o Sumo Sacerdote usava para entrar no Santuário neste dia. Outra ideia propõe que o branco nos lembra as mortalhas, por isso, ao nos vestirmos de branco pensamos na finitude da vida e na necessidade de aproveitar os momentos ao máximo.



פונדק'ים שנה
בבית אבות, חפז, שירי, וכו'

מתוך

"Chamamos aos elementos mais elevados do Universo (כלים דאצילות), cor branca, que sem ser uma cor é a fonte de todas as cores. Se assemelha ao branco do Livro da Sabedoria (o Zohar ou mesmo a Torá). Em geral não reparamos nele, o branco não nos diz nada; mas é ele quem sustenta a todo o livro, porque é o branco que ilumina ao redor e dentro de cada letra, e dá a cada uma sua forma especial, a cada combinação seu lugar especial". su lugar especial".

Da introdução ao livro do Zohar



Branco / Octavio Paz

O começo

O cimento

A semente

latente

A palavra na ponta da língua

Inaudita

inaudível

Ímpar

Grávida

nula

Sem idade

A enterrada com os olhos abertos

Inocente

promiscua

A palavra

Sem nome

sem fala

O poeta mexicano nos coloca diante de um Branco primordial, de onde tudo – como essa poesia – está ainda desordenado. Uma folha vazia, uma palavra que até agora não foi usada.

No Iom Kipur, nós somos essa folha em branco, voltamos ao começo, no qual nossa história futura ainda não foi escrita e onde por enquanto tudo é possível. Depende de nós ordenar essas palavras e encher nossa folha para fazer deste ano nossa melhor poesia.



Branco, Branco e Branco

"A expressão visual é um dom que toda pessoa recebe desde que nasce e ela se desenvolve e se aperfeiçoa através de contextos culturais. A criação artística nos oferece muito para pensar e imaginar, mas no trabalho com crianças o foco deve estar nelas mesmas, suas estruturas de pensamento e suas formas de se relacionar com o mundo. A função do docente é orientar as crianças a prestar atenção aos detalhes, às texturas, às formas, incentivando-as a investigar, descobrir e criar composições em espaços mutáveis e com grande variedade materiais de cor branca."

Tradução livre de: *Children, Art, Artists* - Reggio Children

Arte com guardanapos brancos

"Os guardanapos brancos de papel mais comuns têm várias qualidades: são leves, deixam passar o ar, e podem ser um pouco ásperos. Podem ser um pouco opacos se dobrados e transparentes quando estão estendidos. Criando diferentes formas básicas, os pequenos investigam a "gramática" do material: um alfabeto de composições que conectam as estratégias de aprendizagem de cada um e a identidade do material. Quando as composições são colocadas uma ao lado da outra, elas se transformam em uma criação nova, que leva a marca de cada uma das crianças".



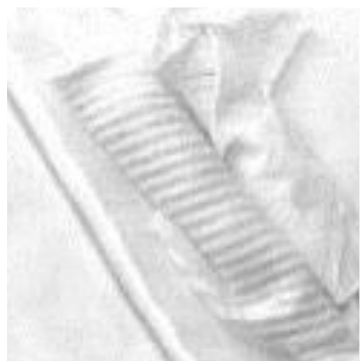
www.the.wonder.of.learning.com

Criações do branco

No decorrer do mês de Tishrei, se pode trabalhar com uma grande variedade de materiais de cor branca, por exemplo, algodão, guardanapos, rendas, papéis, botões, para que as crianças criem com eles suas composições.

Não se trata de uma única atividade antes do Iom Kipur, mas de pesquisar e experimentar ao longo de todo um período no qual os pequenos aprendem sobre o material e descobrem diferentes formas de usá-lo.

O calendário judaico nos propõe encontros frequentes com a cor branca, por exemplo, em Rosh Chodesch, inspirados pela lua; ao estudar o arco-íris na história de Noah; no inverno com o granizo ou neve e em Tu Bishvat, quando em Israel florescem as amendoeiras.



www.collagemuseum.com



השער - חוץ ופנים ביום הכיפורים

O portão – o fora e o dentro no Iom Kipur



www.assimon.co.il

Este Shai foi preparado ao fim de um verão muito difícil para a sociedade Israeli. E foi tão difícil porque desta vez a ameaça não veio de fora, mas de dentro. Com dor e vergonha de entender que era somente questão de tempo para que o ódio e a intolerância que nos rodeiam, e a incapacidade de aceitar o diferente entre nós, levassem aos mais abomináveis atos de violência contra outro ser humano. Claro que a violência surgida da intolerância não ocorre somente em Israel, mas é lamentavelmente parte de todas as sociedades.

Por isso, antes do Iom Kipur, e frente a um novo ano que começa, é um bom momento para fazer Cheshbon Nefesh, não somente individual, mas de toda a sociedade: Quem queremos que atravesse nossos "portões" e seja um de nós? Quem está dentro, mas se sente fora? Quem tenta entrar, mas encontra os portões fechados?

O poeta Chaim Nachman Bialik escreveu um belo poema sobre esta difícil experiência de querer entrar, física e metaforicamente na "Terra Prometida", e deparar-se com um portão trancado, segurando uma chave quebrada e sem escutar uma só voz que responda ao chamado. O poema se chama [מאחורי השער](#), e recomendamos que seja escutado em duas de suas versões musicalizadas, uma cantada por [Kobi Oz](#) e outra por [Din Din Aviv](#).



פָּתַח לָנוּ שַׁעַר בְּעֵת נְעִילַת שַׁעַר כִּי פָּנָה יוֹם.
הַיּוֹם יִפְנֶה הַשֶּׁמֶשׁ יָבֹא וַיִּפְנֶה בְּבֹאָה שַׁעְרֶיךָ
אָנָּה אֵל נָא, שָׂא נָא,
סִלַּח נָא, מַחֵל נָא, חַמֵּל נָא רַחֵם נָא,
כִּפֹּר נָא, כִּבֵּשׁ חֲטָא וְעֻוּן.

Abre-nos a porta

No momento em que se fecha a porta,
porque está terminando o dia.

O dia se vai, o sol vem e se retira,
vamos às Tuas portas.

Te rogamos Deus, sustenta-nos, perdoa-nos,
tem misericórdia de nós, absolve-nos,
apaga nossos pecados e erros.

שַׁעְרִים / מרגלית קונשטוק

שַׁעַר פְּתוּחַ וְשַׁעַר סָגוּר
שַׁעַר יָצִיב וְשַׁעַר נִשְׁבֹּר
שַׁעַר מְהוּדָר וְשַׁעַר פְּשוּט
שַׁעַר הַגָּנָה וְשַׁעַר קִישׁוּט
שַׁעַר לְסֶפֶר וְשַׁעַר לְמַחְבֵּרַת
שַׁעַר לְבָסִיס וְשַׁעַר לְתַפְאֶרֶת
שַׁעַר הָעִיר וְשַׁעַר הַנִּיצָחוֹן
שַׁעַר הַגֶּן וְשַׁעַר הַתִּיכוֹן
שַׁעְרֵי מִשְׁפָּט וְשַׁעְרֵי טִיסָה
שַׁעְרֵי יְצִיאָה וְשַׁעְרֵי כְּנִיסָה
גַּם שַׁעַר לְקִיבוּץ וְשַׁעַר לְמוֹשָׁב-
הָרֶבֶה שַׁעְרִים לְאָדָם בְּחַיָּיו.
וּבְחַיִּים בֵּין הָעָרְבִיִּים
נִפְתָּחִים וְנִסְגָּרִים שַׁעְרֵי שָׁמַיִם.



השער - חוץ ופנים ביום הכיפורים O portão – o fora e o dentro no Iom Kipur

Cada um de nós tem em suas mãos as chaves dos “portões” que nos separam. Como educadores devemos usá-las com sensatez, justiça, bondade e humildade, para servir de exemplo a nossos talmidim e chanichim e para educá-los nos valores de tolerância e aceitação do diferente.

Como está escrito na Tefilá de "Avinu Malkenu" que se diz no Rosh Hashaná e no Iom Kipur: “תהא השעה הזאת שעת רחמים ועת רצון מלפניך” “Que esta hora seja um instante de misericórdia e um momento de aceitação para Ti”. Esperemos que seja também para nós!

Os Ninguéns/Eduardo Galeano

Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada.

Os ninguéns: os nenhuns, os tornados nenhuns, a lebre correndo, morrendo a vida, fodidos e refodidos:

Que não são, embora sejam.

Que não falam idiomas, mas dialetos.

[Que não praticam religiões, praticam superstições.]

Que não fazem arte, mas artesanato.

Que não têm cultura, mas folclore.

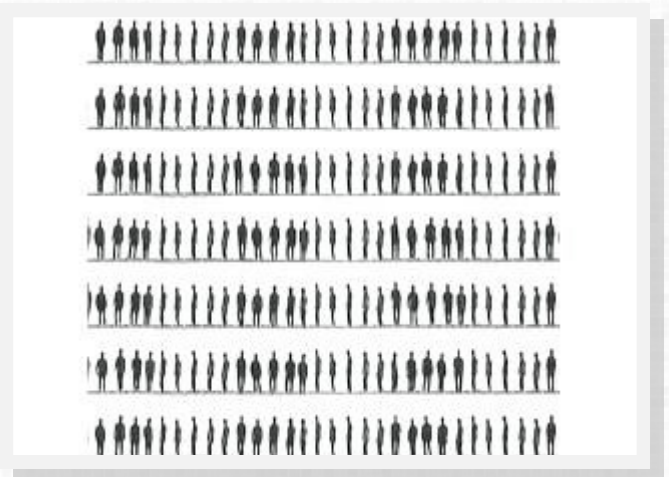
Que não são seres humanos, mas recursos humanos.

Que não têm cara, mas braços.

Que não têm nome, mas número.

Que não figuram na História Universal, mas na crônica vermelha da imprensa local.

Os ninguéns que custam menos que a bala que os mata.



www.blogs.student.co.il



פותרים שנה



Quem vem à Sucá?

Além dos Ushpizin, os convidados tradicionais, vocês podem pensar em quem gostariam de convidar para sua Sucá este ano. Pode-se criar um jogo de cartões com diferentes combinações de perguntas sobre o perfil do convidado, por exemplo: "mulher, personagem de uma série ou de um filme, valente." O participante deve encontrar um personagem com essas características e explicar por que gostaria de

No Iom Kipur nos ocupamos de abrir os portões e, apenas alguns dias depois, em Sucot, já temos a oportunidade de fazer entrar gente em nossa Sucá.

O hóspede /Naomi Shemer

*Se na porta há um hóspede
Que chegou de além mar
O que ofereceremos ao hóspede
Ao chegar de lá?*

*Uma grande cesta, uma flor branca
Vinho tinto, pão com sal
Isso é o que temos
Senta-te aqui conosco*

האורח ומילים ולחן: נעמי שמר

אם בשער יש אורח
שנחת מעבר ים
מה נציע לאורח
בבואו משם?

סנא ירוק, פרח לבן
יין אדום, פת במלח
זה מה שיש
שב איתנו כאן.



Reflexões sobre a Chag...

Nossa Sucá está suspensa no espaço, pertence tanto ao "fora" como ao "dentro": natureza e casa, presente, passado e futuro também.

Suas paredes são como tênues limites, instáveis, que hoje estão aqui e amanhã não. O céu se introduz pelo teto de ramos e pela noite adentro se iluminam as estrelas. O aroma da fogueira que a Sucá tem nos remete aos nossos patriarcas e matriarcas que dormiram assim ao sair do Egito, há milhares de anos... O aroma da natureza da Sucá nos leva ao futuro — aos campos, às matas e vinhedos dos quais em Sucot, a festa da colheita, colhemos os produtos dos quais viviremos amanhã e, no futuro, nossos filhos herdarão.

Nossa Sucá está como suspensa no tempo e nos recorda a finitude de nossa existência, enchendo-nos de agradecimento por toda a segurança e permanência que temos.

O objetivo de nossa estadia na Sucá é lembrarmos em nossa riqueza, a pobreza, porque em tempos de abundância o homem deve lembrar que existe a falta; em tempos de glória, a decadência; na grandeza, a simplicidade; nos tempos de paz; os perigos da guerra... Porque no há nada que nos traga mais alegria que a lembrança dos maus tempos, nos dias de benevolência.

Filón de Alejandría

Para conversar... Expostos ou protegidos

Na Sucá estamos mais expostos ao "fora" e nos sentimos menos protegidos que dentro de nossa casa. Pode-se convidar as pessoas na Sucá a contar em que situações da vida cotidiana se sentem seguros e com controle, e alguma situação na qual se sentem inseguros e vulneráveis.



ארבעה מרחבים של חוויית החגים

Quatro espaços para vivenciar os Chaguim

Os Chaguim são vivenciados de forma multidimensional e multisensorial, principalmente em quatro espaços: o espaço público (isto é essencialmente relevante em Israel), o espaço familiar, o espaço educativo e o espaço espiritual-comunitário. É importante criar conexões entre o dentro e o fora em cada um desses espaços de dinâmicas diferentes. Estas conexões servem de base para o desenvolvimento de uma cultura judaica diversa, que reflete os costumes de todos os sócios na tarefa educativa (alunos, pais, morim e madrichim, e a comunidade) e dá um significado mais amplo ao programa que se estuda na sala de aula. Recomendamos aos morim que sirvam de ponte entre os diferentes espaços e dimensões da vida judaica, não somente em Tishrei, mas durante todo o ano.

המרחב הקהילתי: מקום ללא הפסקה

O espaço espiritual e comunitário

Um lugar sem descanso

O Beit Hakneset é um lugar de constante atividade, inclusive quando não estamos lá. No mês de Tishrei, uma imensa quantidade de judeus se aproxima das sinagogas para receber os dias sagrados.



<http://www.npls.org.uk/messagej.htm>

Proposta: visitar com os alunos um Beit Kneset e convidá-los a descobrir e investigar o espaço, os objetos, a decoração e as coisas especiais que se podem fotografar para seguir estudando sobre elas na aula. Neste contexto se pode falar com as crianças sobre os conceitos de santidade, espaço sagrado e tempo sagrado.

המרחב הציבורי: ריח של חג באוויר

O espaço público

Aroma da festa no ar

Sobretudo em Israel, a época das Chaguim é sentida no ar. Cada detalhe dá testemunho de que a festa se aproxima: as mudanças na natureza, os produtos nos negócios, as ofertas de presentes, os programas de TV e rádio oferecendo receitas ou ideias para a ceia familiar. O ambiente varia também dependendo do lugar onde se vive: um povoado, uma cidade, um Kibutz ou Moshav. Mas também quem vive fora de Israel pode sentir as festas judaicas se aproximarem no espaço público: as grandes feiras e eventos nas praças, os negócios judaicos, as conversas nas ruas e também a chegada da primavera.



Como proposta, pode-se pedir às crianças que busquem sinais da chegada dos Chaguim no espaço público e os fotografem para mostrar em aula.



ארבעה מרחבים של חוויות החגים

Quatro espaços para vivenciar os Chaguim

המרחב החינוכי

O espaço educativo

As lembranças se constroem através da riqueza de imagens e da diversidade das percepções

Também a aula ou a sala se vestem para a festa. Os painéis e as paredes vão se enchendo de motivos alusivos criados com as crianças, testemunho da aprendizagem que acompanha este mês e fazendo-as protagonistas de seu entorno.



www.bethshalompreschool.co



www.bethelberkely.org

Proposta: continuando com a ideia de trazer o Beit Hakneset ao Gan, pode-se filmar as crianças no momento da visita, para que se possa depois, em outro contexto e ambiente, reviver as conversas e ideias que tiveram, bem como analisá-las e interpretá-las.

המרחב המשפחתי: מאחד ומייחד

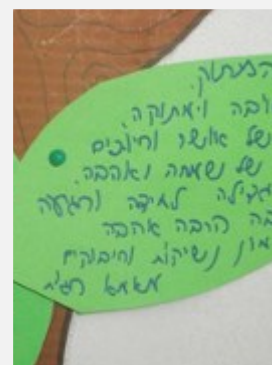
O espaço familiar

Unidos em nossas particularidades

As festas judaicas são uma das bases que nos unem como povo e nos distinguem em nossa identidade cultural. Cada Edá-diáspora tem seus costumes, comidas e tradições familiares especiais, que nos dias festivos se tornam mais evidentes. Antes de cada festa, pode-se convidar famílias para contar sobre seus costumes, histórias familiares ou apresentar algum objeto especial. É possível dedicar um espaço da aula para expor tais relatos.



www.mentalmanna.wordpress.com



Árvore de desejos para o ano novo — os pais escrevem as Brachot aos seus filhos

Proposta: Preparar com as crianças um caderno de Chaguim para que a família vá enchendo-o com suas vivências de cada Chag familiar através de fotos, desenhos, palavras e mais. O caderno será entregue antes da festa, e devolvido ao Gan ou à escola ao finalizar.



מזכרון לסיפור - Da lembrança ao conto

**אַרְשֶׁת שְׁפִתֵינוּ יַעֲרֹב לְפָנֶיךָ אֵל רֵם וְנִשְׂאָ. מִבֵּין וּמֵאַזֵּין, מִבֵּיט וּמִקְשִׁיב לְקוֹל תְּקִיעֹתָנוּ.
וְתִקְבֵּל בְּרַחֲמִים וּבְרָצוֹן סֵדֶר מַלְכוּתֵינוּ / זְכָרוֹנוֹתֵינוּ / שׁוֹפְרוֹתֵינוּ.**

מתוך התפילה לראש השנה ויום הכיפורים

Que a expressão de nossos lábios seja agradável a ti, Deus supremo e elevado. O que entende e escuta, observa e ouve a voz de nosso Shofar. Recebe com misericórdia e agrado este serviço de recordação (ou de **nossas recordações**).

Da Tefilá de Musaf de Iamim Noraim

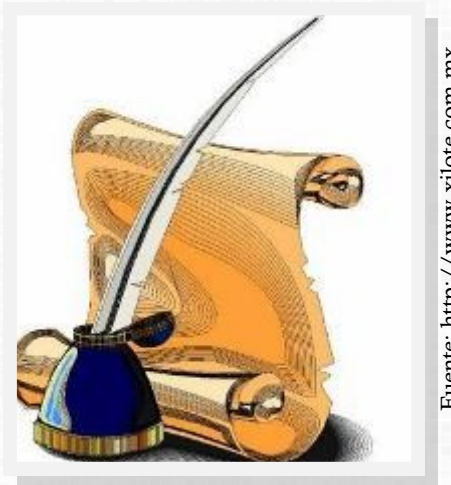
O ano passado tomamos esta Tefilá a partir da referência ao ato de escutar. Desta vez queremos nos referir ao tema **zichronoteinu (nossas recordações)**. Não a partir do significado tradicional de recordar o reinado divino, mas sob a perspectiva de como nos relacionamos com nossas lembranças, com nossas histórias de vida.

A maioria de nós tem um ramalhete de lembranças de infância em relação aos Chaguim: ir comprar roupa nova, algum parente especialmente engraçado ou pesado, uma comida especial, etc. Alguns têm lembranças de lugares distantes e outras línguas. Todas essas histórias pessoais são um recurso precioso para presentear aos talmitim ou chanichim. E para aproximar as crianças e despertar seu interesse não há nada como iniciar com as palavras “uma vez, quando eu tinha a sua idade...”

Rabi Nachman de Breslav, um dos maiores contadores de contos do povo judeu, escreve assim em seu comentário sobre a frase de Chazal "Setenta faces tem a Torá":

“Quando se quer despertar alguém de sua letargia, há que cobri-lo de contos. Porque a Torá tem 70 faces, que são como 70 anos da vida de um homem, porque cada um é diferente de seu próximo. E por isso é preciso contar a ações. De que forma? Através de sipurim (relatos). Assim se desperta aos adormecidos, contando-lhes contos, que são como os anos do homem, ou seja, como as 70 faces da Torá”.

Likutei Moharán 60, 1



Fuente: <http://www.xilote.com.mx>

Em geral, quando nos pedem para contar uma lembrança pessoal, costumamos resumi-la em algumas poucas frases que descrevem brevemente a experiência. No entanto, uma descrição básica pode se converter em uma história rica em ações e detalhes que criem interesse e expectativa entre o narrador e os ouvintes, entre o passado e o presente, entre lá e cá.

A seguir trazemos um exemplo de como transformar uma breve lembrança em um conto, através da recordação de infância de Margalit, uma das autoras de Shai:

"Me lembro que quando era menina esperava ansiosamente completar 8 anos, porque somente nessa idade meus pais me deixariam dormir a noite toda na Sucá, com minha irmã e meus amigos. Preparamos tudo, mas não sabíamos que justamente em nossa primeira noite sozinhas..."



מזכרון לסיפור - Da lembrança ao conto

E assim a recordação de Margalit se transformou em um conto completo...

A primeira noite sozinha na Sucá /Margalit Kavenstock

Quero contar a vocês algo que me aconteceu em Sucot quando eu era menina. Eu vivia em Tel Aviv, em um bairro com muitas crianças. A cada ano as crianças do quarteirão construíam Sucot nos pátios dos edifícios. Minha irmã e eu sempre construíamos junto com nossos amigos, Orly e Rani, que viviam no edifício em frente, somente nós, sem ajuda. A construção da Sucá requeria muitíssimo trabalho: buscar madeiras, trazer lençóis para usar como paredes, preparar os adornos com materiais que íamos reciclando... Desde a última semana das férias de verão, quando já não havia colônia, nos dedicávamos a essas tarefas, e um pouco antes da festa, repartíamos entre nós o que cada um levaria para a Sucá.



Mas o mais especial, pelo que todo ano se esperava que chegasse Sucot, era poder dormir na sucá uma noite inteira, como faziam as crianças maiores do quarteirão. Como o pátio dava para a rua, nossa mãe nos disse que somente quando completássemos 8 anos poderíamos fazer isso. E assim foi que aquele Sucot fomos dizer à mãe que essa noite dormiríamos com Orly e Rani na sucá. Mãe, preocupada, começou a fazer perguntas: "E quem vai cuidar de vocês? E se quiserem voltar pra casa na metade da noite? E si tiverem fome ou vontade de fazer xixi?" Mas nós já tínhamos respostas preparadas para todas as perguntas.

Nessa tarde saímos para a sucá com cobertores, uma lanterna, um jogo e um livro e atravessamos a rua com cuidado, enquanto a mãe nos olhava de longe. Quando chegamos ao pátio de Orly e Rani eles estavam nos esperando na escuridão, já não se via nada. "Que sorte que temos lanterna!", dissemos. Entramos na sucá e arrumamos as camas. Já era noite, não havia ninguém na rua e tudo estava em silêncio.

De repente escutamos passos. Nos assustamos muito, mas eram apenas as nossas mães. "Tudo bem? Não querem ficar com a chave de casa por qualquer coisa? Querem algo mais?" "Não, tudo bem", dissemos.

Jogamos, lemos juntos o livro e comemos muitas tâmaras. Já era muito tarde e começamos a ter medo. Orly disse que se contamos piadas o medo se vai. Então, contamos piadas e rimos um pouco, até que se acabaram as piadas e o medo voltou. Rani disse que o chocolate pode ajudar. E nós comemos todo o chocolate que tínhamos, mas o medo voltou. Varda, minha irmã, disse que se escolhemos uma estrela e olhamos para ela fixamente, espantamos o medo. Então todos escolhemos uma estrela e olhamos para ela até que, sem nos darmos conta, adormecemos.

De repente senti que meu rosto estava molhado. Olhei pra cima e vi as gotas de chuva caindo entre os ramos do teto. Não pensamos que a primeira chuva do ano cairia justo na noite em que dormiríamos na sucá. O que fazemos agora? Não tínhamos a chave para entrar em casa. Nessa época não havia celulares, não havia sequer telefones fixos em todas as casas. Os outros também despertaram com a chuva. Decidimos que ficamos e pronto!

Começamos a desfrutar da chuva, tentamos tomar as gotas. Levamos os cobertores para debaixo da mesa e puxamos a toalha de mesa para fazer uma casa dentro da sucá. E aí, ficamos provando e cheirando a primeira chuva do ano. Choveu toda a noite sobre nossa sucá, pequenas gotas que pareciam diamantes. Mas por alguma razão não tivemos medo.

Quando amanheceu já não chovia. As árvores, o pasto, as plantas e as flores estavam úmidos e limpos, e o cheiro da chuva enchia o ambiente. Até hoje posso sentir o cheiro daquele dia— que cheiro maravilhoso! "E, como foi dormir na sucá?" perguntou a mãe quando voltamos para casa. Se vê que ela havia dormido muito bem, porque nem nos perguntou pela chuva da noite. "Genial, dissemos, mas agora estamos cansadíssimas", e fomos dormir.



מזכרון לסיפור-הלכה למעשה Da lembrança ao conto

Em geral, nos lembramos do que nos interessa... não nos lembramos apenas pelo passado, mas pelo que ele pode agregar ao nosso presente. Por isso as recordações durante os primeiros anos de vida são mais emocionais que intelectuais ou práticas. Descobrir e reviver nossas lembranças é dar ao presente um significado diferente. A verdadeira experiência, a consciente, chega quando voltamos e falamos dela e a vivenciamos de novo através do relato. Por isso, não é somente nossa relação com o relato do passado que cria significado, mas também como vivemos nossa vida em relação a esse relato.

John Dewey

Da lembrança e da vivência pessoal ao conto

Uma vez que juntaram várias lembranças (sozinhos ou em *Chevruta*, acompanhados), e escolheram aquele que querem compartilhar com as crianças, se recomenda atentar para os seguintes pontos, que ajudarão às crianças a sentir que estão imersos na história:

- * Pensar que detalhes, quanto ao conteúdo e ao contexto do conto, podem fazer falta às crianças conhecer.
- * Enriquecer o relato caracterizando os personagens (descrição física, qualidades especiais, sentimentos, expressões faciais, informações biográficas relevantes, etc.).
- * Oferecer uma rica descrição do lugar físico no qual a cena se desenrolou.
- * Agregar diálogos entre os personagens.
- * Escrever o conto, mas contá-lo oralmente, sem se prender ao texto.
- * Falar às crianças favorecendo a compreensão e o emprego de linguagens variadas, adequadas a cada contexto comunicativo.
- * Agregar elementos dramáticos e não ter medo de rir de si mesmo.
- * Para os avançados: se for possível, transformar o conto em um livro e acrescentar a ele fotos ou desenhos.

Ficaremos felizes em receber seus contos e juntá-los à coleção de contos de Chaguim da Fundação Tali!

Ainda desejo sonhar com este vale

As chuvas tocam as cordas
... .. de seu ar
e, acima, é o coro que lança
... .. o som da fertilidade
Muitos animais houve — *vai dizendo*
montes, lagos, aves, boas palavras
Avanço com os olhos fechados:
Vejo, em mim, o ancião
que esperando o regresso
das mariposas
habita os dias de sua infância
Não me pergunte a idade— me diz
... .. E estarei feliz
para que pronunciar
... .. o que não existe?
Na energia da memória
... .. a Terra vive

Elicura Chihuailaf (poeta chileno de origem mapuche)

Às vezes, por trás de um objeto há uma história afetiva que pode ser compartilhada com as crianças. Assim conta Margalit: "Este é o primeiro vestido que o papai de Neta lhe comprou para as festas, faz 32 anos. Suas três irmãs seguiram usando esse vestido e este ano minha neta Hadas vai usá-lo".



Em todas as culturas, em todos os povos, as lembranças e a nostalgia têm um papel protagonista na construção da identidade particular e coletiva. A nostalgia da inocência perdida da infância, ou de momentos mágicos que não voltarão, nos leva a buscar formas de compartilhar nossas histórias com quem quiser ouvi-las, como uma forma de voltar a vivê-las.



קרן תל"י מאחלת: יהי רצון שתתחדש עלינו שנה טובה ומתוקה! Tali deseja a vocês um ano bom e doce!

תהא שנת עניין ויצירה

הניה שפירא - מדריכה

בִּרְכָה / פניה ברגשטיין

שְׁנָה חֲדָשָׁה, פְּעֻמִּיךְ נִקְשִׁיבָה
מִרְכָּבֶיךָ בְּפִתְחֵי שְׁעָרֵינוּ עוֹלָה
חֲלוֹמוֹת רְנָנִים יִקְדְּמוּ אֶת פְּנִיךָ
לְבָבוֹת מְצַפִּים יֹאמְרוּ לְךָ תְּפִילָּה.

קִנְחֵי כָּל דְּמָעוֹת הַגִּזּוֹן וְהַצֶּעַר
הַרְנִינִי לִיבּוֹת עֲצָבִים בְּבִשּׁוּרָה
שְׁמָחָה לֹא צְפוּיָה בְּעֵינַיִים הַצִּיתִי
וּפְרָשִׁי עַל כָּל בֵּית שְׁמִי זִיו וְאוֹרָה.

אֲמָצִי נָא יְדֵי הַנוֹשָׂאִים אֶת הַטֶּעֶן
בְּנִתִיבוֹת הַיּוֹם יוֹם בְּאֶבֶק הַחוּלִין
הַעֲלֵי מִינִי שְׁחוֹר-רֶגְבִים נוֹגֶה-חֶסֶד
וּפְצִי קֶשֶׁי עֶמֶל בְּחֻדְנוֹת יְבוּלִים.

שְׁנָה חֲדָשָׁה, אֶת עוֹלָה שְׁעָרֵינוּ
וְכַפִּיךְ נוֹטְפוֹת מִבְּרַכַּת הַיָּמִים
אוֹרֵת הַמָּחָר עַל פְּנִיךָ נוֹגֶהת
וְכָל הַלְּבָבוֹת לִקְרֹאתְךָ פּוֹעֲמִים.

תהא שמחה עצומה ואורה

נורית סולומון - רכזת המרחבים

תהא שנה עשירה ומספקת

שרה שי - מנהלת מרחב צפון

תהא שנת עשייה וסובלנות

תהא שנת ענווה ורוח

דפנה קרטיס הרדוף

תהא שנת עליצות ומתיקות

ד"ר נעמי דר-מדריכה

